

V CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DO IESE
"DESAFIOS DA INVESTIGAÇÃO SOCIAL E ECONÓMICA EM TEMPOS
DE
CRISE"

Relação entre o Estado e o cidadão: algumas
notas a partir da "Geração do 8 de Março"

Lúcio Dionísio Pitoca Posse

Maputo, 19-21 de Setembro de 2017





Estrutura da Apresentação

1. Objectivos
2. Metodologia
3. A integração nos grupos
4. As trajectórias de vida dos alunos: o caso do propedêutico e do professorado
5. A emergência da ideia de “Geração do 8 de Março”
6. Considerações finais



Objectivos

1. Analisar numa perspectiva histórica, social e política a trajectória desse grupo de jovens para verificar em que medida a decisão política do Estado de decidir sobre os seus destinos se justificava;
2. Analisar as lições que se podem tirar do processo;
3. Tentar mostrar que se trata de uma mitificação com objectivos políticos.



Metodologia

Entrevistas história de vida – jovens abrangidos pelas medidas

Professorado: 47 entrevistas (1977, 1978 e 1979)

Propedêutico: 17 (1977, 1978, 1979)

Exército: 5 (1977)

Quem sou eu? Como é que eu sou? e Por que é que eu sou? (Atkinson citado por Brandão, 2007)

Entrevistas em profundidade – Comissão Implementadora (4)

Captar as dinâmicas das orientações de 8 de Março

Análise de arquivo – jornal Notícias e Domingo (1977 até 2012)

Registo em audio (Palestra proferida por Graca Machel em Marco de 2012)



A integração nos grupos

1. Contexto das Orientações de 8 de Março de 1977

Saída dos portugueses – 1974, 1975, 1976 e 1977

Sector de educação – Formação do *Homem novo*

2. Critérios de colocação nos grupos

Condição social e económica dos jovens

Desempenho académico

Idade

Género

Cor da pele



A integração nos grupos/contexto

Sector de educação – Formação do *Homem novo*

“A educação surge como um dos instrumentos fundamentais na luta pela edificação da base política, ideológica e material da sociedade socialista. Da educação, arma empunhada ao serviço da aliança operário-camponesa, depende a consolidação do processo revolucionário” (Samora Machel, discurso proferido na reunião de 8 de Março de 1977).

“Falar de nova geração [geração do 8 de Março], é falar do homem novo, segundo Samora Machel, é falar de homem revolucionário, para Samora Machel. São estes os princípios de Samora Machel. Um homem anti-racista, anti tribalista. O 8 de Março era uma forja de unidade nacional. Ali [no Centro 8 de Março], vinham jovem de todos os cantos do país. E ali já não se falava mais de machangana, de maronga. E era violento (...) naquela altura quando se falava de unidade nacional, era matar a tribo para fazer nascer a nação” (Um dos directores do Centro 8 de Março).



A integração nos grupos/critérios

Condição social e económica dos jovens

“os [alunos] propedêuticos eram meninos que tinham uma origem social boa” (IM, jovem abrangido pelas orientações).

“Um dos critérios se eu me lembro, eu fui entrevistado, que os entrevistadores usavam era se a pessoa é originária da pequena-burguesia ou da classe operária-camponesa. E havia claramente uma orientação, iam [para o ensino superior] aquelas pessoas que tinham, no entendimento do entrevistador, não sei se era uma orientação genérica, mas da entrevista que eu fui, toda gente que ia para lá [selecção para os grupos] se os pais tinham um determinado estatuto, eles eram orientados para formação de professores. Mas se eram da classe operário-camponesa davam a oportunidade para seguir para o propedêutico” (AG, jovem abrangido pelas orientações).



A integração nos grupos/critérios

Desempenho académico

“Naturalmente que quem tinha feito a 9ª classe com melhores notas tinha mais probabilidade de ir para o curso que tinha escolhido” (TV, membro da comissão implementadora das medidas).

“Nos foi explicado (...) que as pessoas que foram para o propedêutico eram os que tinham a melhor nota” (IM, jovem abrangido pelas orientações).

Idade

“Em termos [de critérios] é a idade, sobretudo. Depois se colocava aquela questão, ‘se vocês vão para o professorado com tão pouca idade, não podem trabalhar com pouca idade’. E na verdade eu senti isto depois, eu comecei a trabalhar [e] comecei a receber, fui abrir a conta bancária e não podia porque era menor” (BV, jovem abrangido pelas orientações).



A integração nos grupos/critérios

Género

“Eu sonhava que poderia vir a integrar a marinha. Sonhava que podia ser quadro da marinha militar. A primeira reunião que nós tivemos depois deste encontro com o Presidente [Samora Machel] veio decepar de vez as minhas expectativas de vir a ser ou marinheira ou piloto. Porque quando chegamos ao centro onde nos encontramos todos, foi num dos quarteis aí no bairro militar. Separaram-nos, meninas para um lado, rapazes do outro. Então a partir daí estava claro que as meninas não podiam ir para o exército. Portanto, eu não poderia, nunca, ir para a situação de militar” (BV, jovem abrangido pelas orientações).

Cor da pele

“Na altura, todos nós fomos efectuar testes médicos com vista a sermos recrutados para a defesa (...) eu, nesse caso, fui aprovado (...) fui seleccionado para fazer o curso de pilotagem (...) eu ia para a União Soviética (...) à tarde fomos numa carrinha para Boane, e quando íamos ao meio do caminho, o João (...) que era a pessoa encarregue de fazer todo o processo, mandou-nos regressar para o Hospital Militar, ele ‘disse que vamos ter um encontro, os nomes que eu mencionar entram na carrinha e os outros vão para casa e ficam a aguardar instruções’. O meu nome não foi mencionado, voltei para casa (...) passado dois dias acabamos por ver alguns do meu grupo que havia regressado (...) mais tarde viemos a saber (...) que foi uma questão racial. E só mais tarde é que ficamos a saber que todos os candidatos brancos e mulatos foram retirados do grupo do exército” (JV, jovem abrangido pelas orientações).



As trajetórias de vida dos alunos

Professorado

“Em 1977 faço a primeira fase do curso de formação de professores, para leccionar 5ª e 6ª classe. Fiz o curso, e por acaso, também, fui colocada em Maputo, na Escola Secundário Francisco Manyanga. O primeiro grande choque que tive foi que a idade dos meus alunos era praticamente igual a minha idade [17 anos] (...) Dei aulas durante dois anos [1978 e 1979], voltei para a faculdade de educação para fazer o curso de formação de professores 7ª, 8ª e 9ª classe [1980 e 1981], dois anos [1982 e 1983] depois volto para fazer formação de professores de 10ª e 11ª classe [1984 e 1985]. Dois anos [1986 e 1987] depois é que volto para fazer [a convite do Ministério da Educação] a licenciatura no Instituto Superior Pedagógico de ensino de língua portuguesa [1988 até 1991] [e desde então continua a dar aulas na Escola Secundária Josina Machel, como professora de Português]” (AP, jovem abrangido pelas orientações).

15 anos para obter uma licenciatura



As trajetórias de vida dos alunos

Propedêutico

“Em 1978 inicia o curso de licenciatura. Em 1980 conclui o bacharel. Já antes fiquei integrado no quadro de monitores da faculdade. Enquanto aluno tive um curto período na Direcção da Planificação da Universidade. Depois, quando saíram as colocações na Comissão Nacional do Plano, eu fui mesmo alocado na Comissão Nacional de Plano. Fiquei de 1981 a 1983 na Comissão Nacional do Plano (...) fiquei três anos e meio (...) fui colocado no Município de Maputo, como Director de Plano da Cidade em 1983 (...) fiquei até 1986 (...) recebi o convite [entre 1986/87] para voltar a faculdade como docente (...) deixei o Município, e em 1988 passei por definitivo para a universidade (...) em 1989 ganhei uma bolsa para fazer mestrado [1990 a 1991] (...) e continuei a dar aulas e a fazer trabalhos de consultoria (...) fiquei director da faculdade, entre 1992 e 1996. [actualmente continuei a leccionar na universidade e a fazer trabalhos de consultoria]” (AG, jovem abrangido pelas orientações).

5 anos para obter uma licenciatura



As trajetórias de vida dos alunos

“Os que foram para o ensino superior, deram-se bem (...) apanharam bons empregos, boas oportunidades na vida (...) hoje em dia estão, podemos dizer, mais ou menos bem. Os que foram para o professorado nem todos se saíram bem (...) alguns acabaram por abandonar o professorado e tentar a formação superior (...) há pessoas que conseguiram fazer este reajustamento e se saíram. Os que não conseguiram sair, ficaram lá e hoje não estão bem como os outros” (AG, jovem abrangido pelas orientações).



A emergência da ideia de “Geração do 8 de Março”

1. Mobilização dos jovens a seguir o exemplo da geração como forma de responder aos desafios do processo de construção do Estado
2. Responder à crise de sucessão de liderança no partido Frelimo.

“É preciso dizer que naquele dia, no meu entender, a geração de 25 de Setembro entregou as chaves a geração do 8 de Março. Tomem o país, vão com ele para frente. Sem medo, sem preocupação de ‘e agora onde é que vou ficar, eu que sou do 25 de Setembro. Se entrego isto ao 8 de Março, onde é que é a minha posição?’” hã hã hã! entregar as chavés. Tomem o país, vão com ele. Corram com o país para frente. E estamos aqui atrás para dar o apoio ao país, a direcção. Mas peguem o país vão para frente (...) eles na prática realizaram aquilo que nós chamamos o ‘dever patriótico’ (Graça Machel, palestra alusiva aos 35 anos da Geração do 8 de Março, Março de 2012).



Algumas notas conclusivas

O processo de colocação dos jovens nos grupos foi muito arbitrário

O grupo de professorado foi o mais sacrificado quando comparado com o propedêutico

Foi mais um acto coersivo/violento que patriótico